



Encontro
da Rede **10^o**
de Estudos Rurais

**“Terra, Fome e Poder:
Desafios para o rural contemporâneo”.**

27 a 31 de Agosto de 2023, UFSCar, São Carlos – SP

ESPACIALIDADE E MATERIALIDADE DA LUTA PELA TERRA: ESTUDO DE ACAMPAMENTOS DE SEM-TERRA

Yasmim Ramos Teixeira¹
Luis Antonio Barone²

GT 12: O futuro dos estudos rurais: experiências de investigação dos novos pesquisadores

RESUMO

Desde a década de 1980, a demanda dos sem-terra por reforma agrária tem sido feita junto ao Estado por meio de ocupações, áreas com montagem de acampamentos de barracas de lona preta e outros materiais. O acampamento, como um momento e um espaço de luta é dotado de elementos simbólicos que estabelecem funções para além das de habitat, mas estratégias de resistência. Esta investigação buscará assimilar as variações tipológicas desses espaços e sua dinâmica interna. Também discutirá suas especificidades políticas em diálogo com os agentes envolvidos e o entorno geográfico no qual se inserem. Portanto, além da revisão bibliográfica de obras pertinentes à pesquisa, foram propostos trabalhos de campo em acampamentos de sem-terra para o estudo da espacialidade e materialidade local. Assim, dentre os elementos sensíveis presentes nas ocupações, verifica-se o papel da arquitetura como agente ativo na luta pela terra, tal como instrumento de resistência e de transformação social.

Palavras-chave: reforma agrária, assentamentos de sem-terra, assentamentos rurais.

INTRODUÇÃO

Historicamente, os acampamentos rurais de sem-terra constituem um momento crucial no processo de luta pela terra e reforma agrária. Segundo Sigaud et al. (2010), as etapas

¹ FCT-UNESP, yasmim.ramos@unesp.br

² FCT-UNESP, luis.barone@unesp.br

envolvidas no processo de desapropriação de terras são: 1) a ocupação da área pretendida, com estabelecimento do acampamento (com uma clara organização interna); 2) reconhecimento da área como “zona de conflito” e posterior avaliação da terra por técnicos do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA); 3) pedidos de reintegração de posse por parte dos detentores da área e cumprimento da ordem de despejo; e 4) reocupação da área pretendida, ou de outra área nas imediações da área pretendida. A esse conjunto de aspectos modelares, os autores dão o nome de “forma acampamento” (SIGAUD, et al., 2010).

O presente trabalho é produto inicial de uma pesquisa de Iniciação Científica que busca, através do estudo arquitetônico e social, compreender o processo de luta pela terra, investigando o habitat rural e seus respectivos elementos, especialmente do ponto de vista da espacialidade e materialidade dos acampamentos de sem-terra. Dentre os objetivos específicos, apresenta-se: analisar as formas espaciais de diferentes acampamentos de sem-terra, tanto em relação à implantação no terreno quanto às técnicas construtivas; levantamento da organização e da dinâmica socioespacial no interior dos acampamentos; discutir a importância dos atributos espaciais da forma acampamento na luta pela terra; estudar a materialidade dos acampamentos de sem-terra como espaços de luta e habitat; estudar o ambiente interno e externo dos barracos de sem-terra, bem como suas funcionalidades como habitat; compreender a trama de tensões (FERRANTE, 2012) e os significados atribuídos aos espaços dos acampamentos pelos diferentes agentes envolvidos nessa luta.

Para atingir tais objetivos, uma série de técnicas foram utilizadas, entrecruzando metodologias qualitativas das Ciências Sociais e metodologias de avaliação tecnológica próprias da Arquitetura e Urbanismo. Levando em consideração os componentes geográficos, históricos e regionais que variam a cada ocupação sob determinado movimento, faz-se necessário um olhar aproximado para entender os valores simbólicos dessa temática. Portanto, além da revisão bibliográfica de obras pertinentes à pesquisa, tais como as que tratam da luta pela terra no Brasil, das políticas de assentamentos e reforma agrária dos últimos 40 anos, das distintas morfologias e dinâmicas dos acampamentos de sem-terra, como formas de luta, ocupação, habitat e organização desses sujeitos subalternos, houve uma tentativa em priorizar a realização de trabalhos de campo em acampamentos de sem-terra do estado de São Paulo, para o estudo e caracterização da espacialidade e materialidade destes *in loco*.

Na visita a campo foram coletados dados empíricos para análise, a partir de: registros fotográficos dos terrenos, dos acampamentos e dos barracos; entrevistas com os acampados; identificação e estudo dos materiais construtivos; e identificação das técnicas construtivas empregadas na edificação de um barraco. Ainda, utilizou-se: observação participante e coleta de depoimentos sobre a temática “viver no acampamento”; entrevistas semiestruturadas com lideranças dos acampamentos, a fim de compreender os distintos significados atribuídos ao

espaço pelos agentes nele inseridos. Por conseguinte, os resultados atribuídos a esses aspectos serão posteriormente apresentados.

DESENVOLVIMENTO

A forma no acampamento Mirian Farias (FNL)

Em 4 de dezembro de 2021, foi realizado um trabalho de campo no acampamento Mirian Farias, sob o movimento Frente Nacional de Luta Campo e Cidade (FNL). Deste modo, foi elaborado um itinerário prévio a fim de direcionar a coleta de dados mediante a visita. Esse esquema dividiu-se em duas áreas para possíveis observações, sendo elas a implantação e a materialidade. No primeiro momento, buscou-se compreender a localização do acampamento, assim como seu posicionamento no terreno, o acesso a água, esgoto e energia e sua organização interna, em termos de divisão de tarefas e áreas coletivas e de uso privado. No que diz respeito a materialidade, priorizou-se as informações de concepção dos espaços, materiais empregados e a lógica da montagem dos barracos.

O acampamento, cujo nome faz homenagem a uma líder do movimento pela reforma agrária nas terras do Pontal do Paranapanema, localiza-se na zona rural entre os municípios de Sandovalina e Teodoro Sampaio, próximo à Usina Taquaruçu à vertente do Rio Paranapanema. A ocupação reivindica terras da Fazenda São Domingos e o acampamento apresenta uma área de, aproximadamente, 10 hectares com cerca de 2000 barracos e 1.975 acampados.

Figura 1 – Localização do Acampamento Mirian Farias



Fonte: Base de dados do Google Earth, edição da autora (2022).

Entre os acampados, dividem-se os “moradores” e as pessoas que reivindicam a terra, mas não moram na ocupação. Em entrevista cedida por um militante da FNL e chefe do setor de segurança que nos guiou durante a visita, ele relata a questão sobre os participantes ativos e não ativos da luta, mas explica que o objetivo da ocupação é garantir a terra para todos:

“Aquele ali nunca veio, chegou aí, apoiou aí e ficou aí. Está marcando o território dele. A briga da gente aqui, qual é? A pessoa pegar o terreno dela.” (Militante da FNL, em entrevista cedida no dia 04/12/2021).

Este tema foi anteriormente abordado por Sigaud et al. (2010) que retrata os traços recorrentes nos acampamentos de sem-terra, entre eles, apresenta-se justamente a questão do pertencimento à ocupação:

“O que os tornava membros do acampamento, independentemente de sua presença efetiva, era o fato de lá terem montado uma barraca. O pertencimento ao acampamento era ainda feito por representação, de modo que havia pessoas cujo lugar na ocupação era assegurado por um representante — um filho, um pai, um parente —, mas a participação estava sempre associada a uma barraca” (SIGAUD et al., 2010, p. 82).

Partindo da importância das barracas para o processo de conquista da terra, inclusive internamente, demonstrando o pertencimento e a participação do indivíduo na luta, será feita a análise desse elemento de destaque mediante os dados coletados em trabalho de campo. No que diz respeito a implantação, o acampamento formou-se sobre a vertente do Rio Paranapanema, nas margens da Rua José Correia de Araújo, o que permite a visualização da ocupação. Dentro do acampamento, observou-se os barracos dispostos em certa racionalidade orgânica se adequando a topografia do terreno e, assim, formando vias internas entre eles.

Figura 2 – Vista aérea e espaços de uso coletivo



Fonte: Base de dados do Google Earth e trabalho de campo, edição da autora (2022).

Para melhor entender a estrutura da organização socioespacial interna do acampamento, faz-se necessário a distinção das áreas de uso coletivo e privado. Na figura anterior, foram destacados alguns pontos para a compreensão da concepção desses espaços. Em “1” temos a entrada do acampamento, formada por uma guarita de segurança e uma placa contendo as regras da ocupação. A partir dela, temos uma espécie de “via principal” que a integra ao ponto “2”, um barraco de uso coletivo que possui as funções de abrigar reuniões e receber as visitas do acampamento, o mesmo ocorre para o ponto “3”. No momento em que ocorreu a visita a campo, essa área era utilizada para formação de militantes da Frente Nacional de Luta. Esse fato demonstrou na prática as ações dos diferentes setores de organização que compõem a estrutura do acampamento, como segurança, direção e alimentação. Em “4” localiza-se o barraco da cozinha comunitária, onde são preparadas as refeições que servirão eventos ou reuniões. Por fim, em “5” está o barraco da “igreja”, lugar que recebe os cultos e celebrações de fé dos acampados.

Figura 3 – Barracos com variedade de materiais empregados



Fonte: Trabalho de campo (2021)

Figura 4 – Barraco de lona com horta



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Figura 5 – Bandeira da FNL



Fonte: Trabalho de campo (2021).

Visto as áreas de uso coletivo, os barracos individuais apresentam uma vasta variedade de materiais utilizados e sua concepção interna varia de acordo com cada família ou uso, já que não são todos os que moram na ocupação. Foi possível perceber um forte uso da lona e, em alguns casos, de madeira para estruturas, no entanto, a maior parte dos barracos são compostos por retalhos de materiais que se encontravam disponíveis. Em entrevista, foi relatado que os barracos com os materiais mais resistentes e de maior qualidade pertencem aos membros menos ativos e que os acampados que moram efetivamente no acampamento se diferenciam por, em sua maioria, realizar o plantio de alimentos em torno de seu barraco.

“Entrevistado: Os barracos que mais têm telhas são do pessoal que tem condição de comprar telhas, madeira boa

Entrevistador: E seriam esses os mais permanentes também?

Entrevistado: Não, esses são daqueles que vem mais no final de semana. Os que mais ficam mesmo, você pode prestar atenção que a maioria é lona

Entrevistador: Quer dizer, esse barraco por exemplo, todo de madeira...

Entrevistado: O cara só vem final de semana”

(Orientador e militante da FNL, em entrevista cedida no dia 04/12/2021).

Por fim, assim como descrito por Sigaud et al., outro elemento presente na ocupação são as bandeiras de seu movimento, o que pode ser visto na figura 5, próxima à rodovia a fim de garantir maior visibilidade para a ocupação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Sigaud et al.:

“Todos os acampamentos se assemelhavam na forma, independentemente do logotipo de suas bandeiras. Havia sido constituídos com os mesmos materiais, situados em localizações semelhantes e organizados sob a forma de ruas. Em todos havia uma divisão do trabalho organizada por meio de comissões, que cuidavam da segurança, da saúde, da alimentação etc. Em todos dispunham-se lavouras logo após a ocupação. A recorrência dos elementos e arranjos observados é o que permite afirmar a existência de uma forma acampamento” (SIGAUD et al., 2010, p. 85).

Portanto, independentemente do movimento ao qual se reivindica terras, ou sua localização geográfica, o fato da espacialidade e materialidade serem elementos cruciais dentro da forma acampamento, promove à arquitetura e ao urbanismo, o papel fundamental de agentes ativos no processo de conquista da terra e na luta pela reforma agrária, sendo assim, potentes instrumentos de transformação social. Para além disso, compreender as concepções de espaço e de território, assim como as contradições e movimentos que conformaram a estrutura fundiária brasileira, é imprescindível para o entendimento de muitos problemas urbanos. Torna-se necessário, portanto, um olhar mais cuidadoso ao campo, lembrando que a luta por uma reforma agrária popular também representa a luta pela terra, por moradia, por trabalho e liberdade. Em outras palavras, assim como propagado nas falas do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra: “No fim do dia, a luta pela terra é a mãe de todas as lutas”.

REFERÊNCIAS

Castells, A. N. A criatividade dos sem-terra na construção do habitat: um olhar etnográfico sobre a dimensão espacial do MST. Florianópolis: (outubro de 2001). Universidade Federal de Santa Catarina.

Loera, N. R. a espiral das ocupações de terra. Campinas, SP: Polis, Ceres: (2006)

Lygia Sigaud, M. E. Ocupações e acampamentos: Sociogenese das mobilizações por reforma agrária no Brasil. Rio de Janeiro: Garamond. (2010)

Fernandes, B. M. Espacialização e territorialização da luta pela terra: a formação do MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado de São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Geografia da F. F. L.C.H da Universidade de São Paulo (1994)